

“PRODUZIR ESPAÇOS” - percursos e encontros de trajetórias do movimento agroecológico com a comunidade quilombola do Córrego da Pimenta em Orizânia/MG

Mariana Vilhena de Faria¹

Resumo

Este trabalho tem como objetivo entender como o movimento agroecológico se amplia na Zona da Mata de Minas Gerais, incorporando as demandas dos povos negros e desdobrando-se em organizações específicas para tratar das temáticas quilombolas, como é o caso da Rede de Saberes dos Povos Quilombolas (SAPOQUI). As metodologias de trabalho estão ligadas aos deslocamentos espaciais e a troca de saberes, de onde emergem novos espaços e sujeitos. A partir da relação estabelecida entre a comunidade Córrego da Pimenta, no município de Orizânia/MG, e da Rede Sapoqui vamos discutir a importância desse encontro de trajetórias para os grupos envolvidos, a formação de redes e a produção do espaço da Zona da Mata mineira.

Palavras-chave: quilombo; movimento; espaço

Apresentação da realidade de pesquisa

Este trabalho tem como objetivo discutir os percursos e caminhos espaciais que estão sendo realizados na Zona da Mata de Minas Gerais para o reconhecimento territorial e desenvolvimento dos mais diversos projetos em comunidades quilombolas da região, com foco específico na Comunidade do Córrego da Pimenta, localizada no município de Orizânia/MG, buscando destacar as metodologias e formas de produção de conhecimentos, dando ainda maior visibilidade para estas ações.

Para contextualizar nosso recorte espacial, vale ressaltar a multiplicidade de organizações e sujeitos que tem trabalhado na Zona da Mata mineira há certo tempo para a construção de realidades campesinas mais justas, criando coletivamente melhores condições de vida e tendo a Agroecologia como perspectiva para o direcionamento das ações. São Sindicatos, Universidades, Associações Cívicas, Prefeituras, dentre outros grupos articulados para construir projetos de desenvolvimento local, de formação de agricultores em Agroecologia, de formação de mulheres e da juventude, organização de Intercâmbios de Saberes, dentre muitas outras ações. (ZANELLI et al, 2015).²

¹ Doutoranda em Geografia – Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: marimd2@hotmail.com

² Este processo inicia e intensifica-se a partir da década de 1980, quando há uma constatação dos impactos ambientais negativos produzidos pela implantação dos programas de modernização da agricultura inseridos no

A questão das populações negras e seus espaços foi incorporada às discussões e ações desses agentes, a medida em que foram sendo identificadas grande quantidade de comunidades quilombolas – reconhecidas, em processo de reconhecimento ou não-reconhecidas formalmente – principalmente nas zonas rurais dos municípios matenses. Suas demandas passaram a ser ouvidas e ações começaram a ser construídas a partir do empoderamento e protagonismo desses sujeitos³, originando a Rede de Saberes dos Povos Quilombolas da Zona da Mata Mineira (SAPOQUI).

Nesse momento, os agentes e atores se misturam através da transversalidade temática, ou seja, ocorre aí uma ampliação da definição de Agroecologia e consequentemente de seus espaços de atuação. Dessa forma, grupos e sujeitos que já trabalhavam na construção coletiva do movimento, da prática e da ciência agroecológica passam a trabalhar também pelos direitos territoriais do povo negro da Zona da Mata de Minas Gerais.

Dentro dessa perspectiva, entende-se que a luta pela valorização das histórias, memórias e práticas das comunidades quilombolas faz parte da pauta do movimento agroecológico, uma vez que garante a permanência e a manutenção de modos de vida tradicionais no campo. De acordo com Gomes e Assis (2013), essas práticas:

(...) estão alinhadas e podem ser utilizadas como exemplos de relação harmônica entre sociedade e natureza. Aqui está uma grande confluência: a proposta da Agroecologia como enfoque científico e sua relação com o que povos tradicionais praticam em seus territórios.

Ao mesmo tempo, pelas especificidades contidas nas necessidades das comunidades quilombolas, foi criada em 2015, a Rede Sapoqui. A Rede, - além de agrupar uma diversidade de agentes tais como: UFV, UFJF, CPT, FOMENE, Comunidades Quilombolas, Sindicatos,

pacote tecnológico da Revolução Verde. Vale ressaltar o protagonismo das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) na construção do movimento sindical que posteriormente se desdobra ainda no surgimento de outras organizações, como o Centro de Tecnologias Alternativas (CTA-ZM) na região.

³ Aqui, merece destaque o papel da Universidade Federal de Juiz de Fora, representado pelo curso de Geografia e pelo Laboratório Kizomba na Mata, coordenado pelo professor Leonardo Carneiro. Desde 2008, por meio desta parceria entre a comunidade acadêmica e as comunidades quilombolas, projetos vem sendo desenvolvidos no sentido de auxiliar essas populações a receberem o reconhecimento junto à Fundação Palmares, Inbra, dentre outros órgãos, além de tratar também de questões ligadas ao acesso à outras políticas públicas, Agroecologia, resgate de memórias e aspectos culturais, etc. Nesta trajetória diversos trabalhos acadêmicos foram publicados sobre os resultados e reflexões obtidas destes projetos: ITABORAHY (2011; 2014), DANTAS (2011), ORSI (2016), TEIXEIRA (2016), LEOPOLDO (2016).

dentre outros,⁴ - é aberta, auto-gestionada e tem como finalidades principais o mapeamento e a geração de banco de dados sobre as comunidades quilombolas da Zona da Mata Mineira, bem como a promoção do acesso a políticas públicas estaduais e federais. Em geral, a Rede promove encontros regulares entre seus membros e parceiros para construir suas ações.

Dessa forma, consideramos que a Rede Sapoqui faz parte do movimento agroecológico, uma vez que é também fruto do desenvolvimento de suas ações, em outras palavras, podemos pensá-la como um agente que representa a questão negra dentro do movimento agroecológico.

Em uma das reuniões realizadas pela Rede, na Universidade do Estado de Minas Gerais, município de Carangola, conversamos sobre a necessidade de mapear e inserir um número maior de comunidades na Rede Sapoqui. Dentre as comunidades citadas, estava Córrego da Pimenta, localizada na zona rural de Orizânia-MG e ainda sem o reconhecimento formal da identidade quilombola.

Alguns meses depois, fizemos os primeiros contatos e trabalhos de campo a fim de ir conhecendo a comunidade, sua história e seus moradores e pudemos perceber uma vontade dessas pessoas em contar sobre suas vivências, mostrar seu território e também conhecer outras realidades de luta do povo negro. Por isso, em Agosto de 2016, alguns moradores participaram pela primeira vez de um encontro da Rede Sapoqui, ocorrido em Piranga – MG.

A partir daí, foram vários outros momentos de troca de experiências com os moradores do Córrego da Pimenta: em Viçosa, nos dois encontros realizados na própria comunidade, além de uma visita para discutir a situação territorial da Comunidade do Córrego do Meio, em Paula Cândido-MG. Em Julho de 2017, participamos ainda da 9ª Troca de Saberes, evento que ocorre anualmente no campus da UFV e tem como objetivo a reunião e compartilhamento de conhecimentos provenientes de uma ampla gama de agentes e comunidades de dentro e de fora da Zona da Mata de Minas Gerais.

Ao longo dessa trajetória, os moradores da comunidade do Córrego da Pimenta foram/estão se identificando com outras histórias e realidades, pensando sobre as possibilidades de ter sua identidade reconhecida formalmente, de serem oficialmente considerados como uma comunidade quilombola. Além disso, a construção do processo junto a Fundação Palmares por si só, já pressupõe uma pesquisa e registro das memórias do lugar, o que aumenta o envolvimento desses sujeitos em todo o processo, fortalecendo os laços.

⁴ Universidade Federal de Viçosa; Universidade Federal de Juiz de Fora; Comissão Pastoral da Terra; Forum Mineiro de Entidades Negras; respectivamente.

Assim sendo, vamos buscar relatar a construção dessas interações, procurando contar sobre o resgate coletivo da história da comunidade, mostrando suas características e acompanhando as trajetórias espaciais dos encontros da Rede Sapoqui, com foco no reconhecimento da identidade quilombola no Córrego da Pimenta, discutindo ainda a inserção da comunidade na Rede, identificando os agentes envolvidos e os resultados obtidos dessas interações.

Como perspectiva teórico-metodológica, entendemos que o método da produção do espaço de Henri Lefebvre (2013), é um caminho capaz de auxiliar na compreensão da realidade proposta, uma vez que busca tratar das práticas e/ou das atividades produtoras do espaço, o que inclui grupos específicos, transformações espaciais e também reflexões sobre a constituição dos saberes científicos.

Um conhecimento que busque se aproximar do real e isso significa compreendê-lo a partir de suas práticas, terá de se ocupar das atividades produtoras do espaço, terá de responder a questões, tais como quem? Por quem? Para quem? O que? Por que? Como ocorre o processo de produção dos espaços?, saindo da abstração científica e da racionalidade que trata o espaço como uma coisa independente de como foi produzido.

Para Lefebvre (2013), essa perspectiva é capaz de restituir a presença do saber ou “trazer as coisas de volta a vida”, para dizer o mesmo, utilizando, todavia, os termos de Tim Ingold (2015). A fim de dar conta dessa tarefa, ambos recorrem a noções de movimentos, processos, fluxos e o próprio ato de produzir. Os ritmos, as trajetórias, caminhos, relações, percursos, ações, questionam qualquer possibilidade de fixidez, guiando as reflexões teóricas dos dois pensadores.

Sem dúvidas, realizar a produção do conhecimento a partir do diálogo de saberes científicos com saberes populares é uma contribuição indispensável do movimento agroecológico para a Rede Sapoqui e para o debate da ciência geográfica. Uma marca metodológica baseada nos deslocamentos e encontros presenciais, revelando seu caráter absolutamente espacial, suas maneiras de produção do espaço.

Cabe nos acompanhar as trajetórias da Rede Sapoqui junto à comunidade do Córrego da Pimenta, em busca de seu reconhecimento identitário e territorial, refletindo sobre a importância da Rede para o fortalecimento das populações negras na Zona da Mata de Minas Gerais, reconhecendo-a como forma de organização capaz de reunir uma diversidade de grupos

e sujeitos. Por fim, interessa-nos refletir ainda sobre a natureza das trocas que possibilita e a potência gerada por estes encontros para a construção de ações.

É necessário, portanto, seguir a trama das relações em movimento, problematizar a condição em mudança e seus nexos com o conjunto social maior, para entender o papel desses agentes na possível recomposição de um rural, pensado como um universo de relações em que uma condição camponesa, bem como o acesso à terra que a acompanha, podem se inserir. (PAOLIELLO, 2009, p. 231)

Para isso é preciso encarar a peregrinação dos agentes como um processo em andamento, sempre em construção, reconhecendo que os espaços se fazem sempre pelo movimento, implicando uma imprevisibilidade de respostas e modelos na produção do espaço.

Andanças

A comunidade do Córrego da Pimenta tem uma população de aproximadamente 52 famílias (por volta de 200 pessoas) com forte presença de população negra. Seu Mundel, negro e um dos senhores mais velhos da comunidade, conta a história de que alguns dos primeiros habitantes da Pimenta vieram de Matipó/MG, local onde abandonaram 100 alqueires de terra (Areia Branca) e se casaram com mulheres negras que já viviam na região do Vale do Carangola, a família das irmãs Barbina, também negras.⁵

Nessa época, toda a região que hoje é conhecida como município de Orizânia e adjacências, chamava-se Quilombo, possivelmente se referindo a ocupação da área por escravos fugidos e ex-escravos alforriados. Só posteriormente, com a chegada do Cartório e da institucionalização das terras é que a localidade passa a ser denominada como Alto Carangola. O nome atual é mais recente, assim como a emancipação do município (1995) que foi distrito de vários outros municípios da região. Em relação ao nome da comunidade, os habitantes nos dizem que foi dado por conta da grande quantidade de Pimenta-Sabiá encontrada por lá e que acabou nomeando o córrego que percorre seus caminhos.⁶

Ao longo de nossas interações com as pessoas pertencentes à comunidade do Córrego da Pimenta, fomos descobrindo e conhecendo melhor a realidade do local.

⁵ Especula-se que isso tenha acontecido há mais ou menos 150 anos atrás, final do século XIX.

⁶ Reconstruir esse discurso histórico é um desafio por conta dos poucos registros e faz parte do andamento de nossa pesquisa.

Segundo alguns moradores, o preconceito é bastante presente em suas vidas, principalmente no ambiente escolar. As formas de tratamento recebida por estudantes negros é diferenciada e toda a concepção estética da escola vai se construindo de forma a não dar atenção para os corpos negros. Uma educação contextualizada com os modos de vida, com a história e as identidades do povo negro nos parece fundamental para atender aos anseios dessa população.

Aos poucos fomos observando os modos de fazer tradicionais que ainda ocorrem e que caracterizam fortemente essa comunidade. As carroças utilizadas por alguns para os deslocamentos até a cidade⁷ nos servem de exemplo, bem como a utilização dos pilões de socar arroz. Além disso, vale mencionar instrumentos como o andador de bambu construído para as sessões de fisioterapia de Seu Mundel, verdadeiras tecnologias sociais, além do arado, do moedor de cana e outras ferramentas que mesmo menos comuns, resistem ao tempo e às novas invenções industriais.

As histórias das festas de Folia de Reis e Congado que ocorriam no local, trazendo festeiros de várias outras comunidades vizinhas nos levam ao passado ainda presente na memória de muitos habitantes da Pimenta e nos mostram o desejo de recuperar certas práticas tradicionais. Outro aspecto identitário são as formas de preparo dos alimentos, a diversidade alimentar que constitui uma culinária bastante típica, dentre outras características que nos ajudam a construir o patrimônio cultural desses sujeitos.

⁷ O Córrego da Pimenta se localiza a 3 km da zona urbana de Orizânia – MG.



Saberes e fazeres no Córrego da Pimenta: (a) Preparo artesanal de carne fresca e cozimento na fogueira. (b) Processo de secagem da carne.

Apresentados, - ainda que de maneira muito breve - alguns aspectos da realidade campesina-quilombola do Córrego da Pimenta, nosso foco se posiciona diante dos deslocamentos e movimentos realizados por alguns moradores do local a partir das reuniões da Rede Sapoqui.⁸

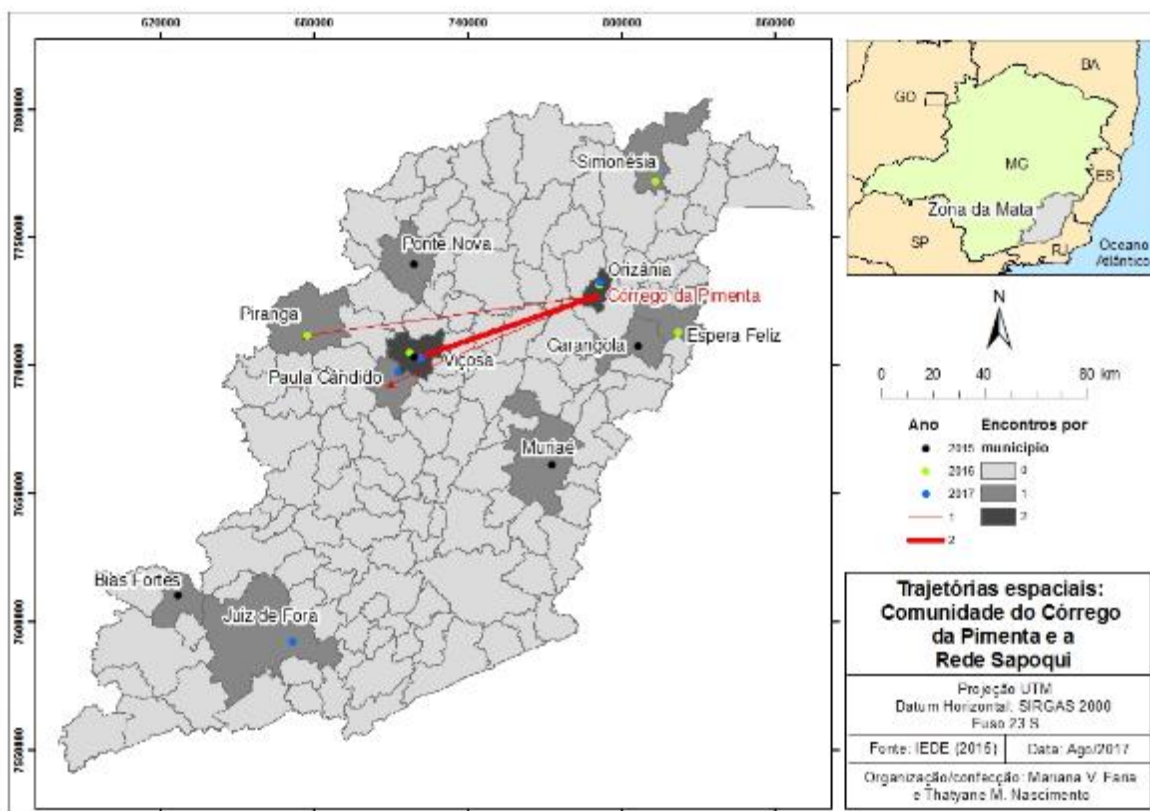
Diferentemente de outras comunidades rurais próximas, mais inseridas em projetos e/ou políticas públicas desenvolvidas por agentes do movimento agroecológico, na Pimenta, as trocas e intercâmbios entre realidades distintas são mais raros. O contato com a Rede Sapoqui representa, portanto, uma forma de acessar outros “mundos”. As saídas que fizemos juntos até agora podem ser vistas como gestos muito pequenos, mas também podemos enxergá-las como

⁸ Vale registrar que a despeito da proximidade da comunidade com a cidade de Orizânia e outros pequenos municípios da região e das migrações realizadas nas últimas décadas por alguns habitantes, especialmente os mais jovens, podemos constatar um certo isolamento desses sujeitos em relação a outras realidades e espaços. Quando fomos juntos à Piranga, nosso primeiro movimento coletivo, passamos pelo município de Viçosa antes de chegar ao destino final e Seu Geraldo – morador da Pimenta - comentou sobre a realização de seu sonho de conhecer o local, distante 170 km do Córrego da Pimenta.

uma ampliação de horizontes para esses sujeitos, incluindo ainda os processos de formação política consequentes das temáticas e metodologias utilizadas nos encontros da Rede Sapoqui.

É importante observar, todavia, que a construção da identidade negra e as estratégias – individuais e coletivas - de enfrentamento dos preconceitos vivenciados e seus desdobramentos, vão sendo elaboradas independentemente da inserção da comunidade na Rede Sapoqui, até mesmo para que se possa sobreviver localmente. Ao passo que essa inserção acontece, a escala se amplia, potencializando as vozes do povo negro do Córrego da Pimenta.

É o que mostram os encontros realizados até agora. Os Intercâmbios fortalecem o povo negro à medida que cada um vai percebendo as semelhanças com a vida do outro, um grupo se (re)conhecendo mutuamente em outro grupo, ganhando mais visibilidade e portanto, valorização. A frequência e o ritmo dos encontros também influenciam na segurança e na força que proporcionam para as comunidades e seus sujeitos. Essa periodicidade constante nos parece fundamental para a efetividade das ações.



Mapa de localização dos deslocamentos da comunidade do Córrego da Pimenta e reuniões da Rede Sapoqui.

A partir do mapa, é possível identificar os encontros promovidos pela Rede Sapoqui desde sua criação em 2015, até os dias atuais. Cada reunião representada tem um objetivo específico, mas todas estão ligadas a produção de saberes a partir das experiências trocadas utilizando metodologias da educação popular.

Observando a configuração espacial resultante da realização dos encontros, podemos constatar que os deslocamentos ocorrem por todo o território da Zona da Mata e com uma média significativa de eventos (7,5/ano), considerando-se a escassez de recursos e os desafios da auto-gestão. Nesse sentido, enfatizamos os povos negros como grupos que se apropriam e se movimentam pelo espaço da Zona da Mata mineira em busca da construção de possibilidades para suas próprias demandas, entendendo que nesse sentido, o conceito de produção do espaço “se vincula a grupos particulares que se apropriam do espaço para geri-lo, para explorá-lo. (...) A análise crítica define como e de acordo com qual estratégia determinado espaço constatável foi produzido” (LEFEBVRE, 2008, p. 62).

A comunidade do Córrego da Pimenta se insere como um agente neste cenário de deslocamentos em agosto de 2016, participando como já dito, do Encontro de Povos Quilombolas da Zona da Mata de Minas Gerais, em Piranga, município com forte presença de comunidades quilombolas, duas já reconhecidas pela Fundação Palmares e outras três com processos de reconhecimento em andamento.

Nessa ocasião vivemos momentos importantes, de trocas intensas, nos quais estavam presentes representantes de muitas comunidades quilombolas da região. Suas diversidades - no sentido mais amplo do termo - foram realçadas, ou seja, tiveram espaço para serem apresentadas através das mais variadas atividades: instalações pedagógicas com o objetivo de caracterizar cada comunidade; oficinas temáticas; convivências culturais, dentre outros. Ao longo do evento, pudemos ainda ter a oportunidade de visitar as comunidades quilombolas de Piranga, conhecendo suas histórias e realidades.

Além dos próprios quilombolas, participaram do encontro diversas organizações: alunos de Escolas Famílias Agrícolas (EFA's), professores e estudantes de variadas Universidades, pessoas ligadas à Igreja e representantes de organizações que atuam na Rede Sapoqui e também em prol da Agroecologia (como o CTA-ZM e a Organização Cooperativa

de Agroecologia – OCA), demonstrando-nos mais uma vez, o caráter unificado de lutas do movimento agroecológico.⁹

Em Outubro do mesmo ano, viajamos novamente, dessa vez com destino à Viçosa para participar de mais uma reunião encabeçada pela Rede Sapoqui. Um encontro mais curto do que o anterior e que teve como proposta discutir um pouco da conjuntura política atual e a inserção da questão quilombola neste cenário. Na Escola Nacional de Energia Popular (ENEP), vários atores e agentes estiveram presentes, constituindo a heterogeneidade humana típica dessas práticas.

A esta altura, os habitantes do Córrego da Pimenta já estavam mais familiarizados com os novos ambientes em que aos poucos vão se colocando, sentindo-se mais à vontade conforme vão conhecendo melhor a dinâmica desses eventos. Para além disso, começavam a expressar seus desejos de abrir à comunidade para a Rede Sapoqui, “ousando” sonhar com as possibilidades de também se tornarem uma comunidade quilombola reconhecida pela Fundação Palmares. Foi a partir desses sentimentos que marcamos a reunião seguinte em Orizânia, no Córrego da Pimenta.

No final do mês de Novembro de 2016, chegamos então à Pimenta. O caráter festivo do encontro ficou explícito, alegria recíproca de quem chegava e de quem nos recebia. Nosso objetivo era conhecer e ouvir a comunidade, aumentando o número de pessoas do Córrego da Pimenta envolvidas com os movimentos da Rede Sapoqui. Em certo momento do encontro, nos dividimos em pequenos grupos para visitar algumas propriedades, a escola e também a comunidade de São Paulo, localidade vizinha que também compartilha a identidade quilombola com o Córrego da Pimenta. Um grande número de crianças participou de nossa atividade que terminou com uma enorme roda de música, conversas e rezas em frente à cachoeira, patrimônio da comunidade.

No início de 2017, fizemos uma nova reunião na comunidade da Pimenta para explicar os procedimentos necessários para entrar com o pedido de reconhecimento na Fundação Palmares e também esclarecer o que significa a titulação de terras, caso seja da vontade dos moradores. Ao final do encontro, os moradores decidiram por unanimidade que gostariam de dar prosseguimento às ações e iniciar a construção da documentação a ser enviada para a Fundação Palmares, isto é, afirmaram o desejo de se tornarem oficialmente quilombolas.

⁹ Algumas oficinas feitas ao longo do evento, trabalharam ainda com temáticas ligadas as questões produtivas abarcadas e/ou propostas pela Agroecologia.

Apesar de estar ligada aos trabalhos da Rede Sapoqui, dessa vez a reunião teve um caráter menos geral e envolveu apenas a própria comunidade da Pimenta em diálogo com alguns professores universitários.

Coincidentemente, o tema do próximo encontro geral da Rede Sapoqui foi a titulação de terras. Em Abril de 2017 estivemos juntos na comunidade do Córrego do Meio, localizada no distrito de Airões, município de Paula Cândido. Foi uma boa oportunidade para que os moradores do Córrego da Pimenta pudessem conhecer mais uma comunidade - já reconhecida pela Fundação Palmares - e também se informar sobre as questões que surgem a partir das possibilidades de titulação da terra.

A última reunião que a comunidade pôde participar até agora foi em Viçosa no mês de Julho de 2017. Na verdade, tratou-se de um evento duplo: a reunião da Rede Sapoqui e a Troca de Saberes. Na primeira, nos encontramos com a finalidade de definir as atividades que a Rede desenvolveria durante a Troca de Saberes, a saber, três momentos em que se discutiria as origens da Rede, as dificuldades e desafios de sua auto-gestão e a situação dos povos negros diante do cenário político atual (possibilidades de acesso a políticas públicas).

Na Troca de Saberes, em um segundo momento, a Rede Sapoqui teve o seu próprio espaço, com uma tenda montada para expor e discutir suas temáticas ao longo do evento. Muitas questões apareceram durante essa instalação pedagógica: diversidade religiosa, educação quilombola, empoderamento de lideranças, invisibilidade negra nos ambientes acadêmicos, preconceito e violência, etc. Os participantes que vieram do Córrego da Pimenta, tiveram a oportunidade de entender, por exemplo, o que mudou na vida de algumas comunidades após o reconhecimento de suas identidades negras, além de falarem um pouco de como se sentem sendo negros em sua própria comunidade.

Sem dúvidas, esse foi o maior evento - reunindo imensa diversidade de grupos, vindos não só da Zona da Mata de Minas Gerais, como também de outras partes do Estado e do Brasil - do qual os moradores da Pimenta participaram. Dentro da programação da Troca, eles puderam sistematizar publicamente as discussões da Rede Sapoqui, trocar sementes, realizar debates sobre feminismo, conhecer um pouco da realidade acadêmica, dentre outros.

A análise que emerge destas vivências nos leva a pensar a potência política contida nas redes que se formam a partir dos encontros realizados, da inserção de diferentes grupos que vão se fortalecendo pelo estar junto e pela construção de ações coletivas que daí resultam.

Tal entendimento denota nossa intenção de pensar a rede menos como um conceito analítico do que como uma categoria etnográfica. Dessa forma, conseguimos acessar distintas realidades e também suas relações. Ademais, as redes assim pensadas, nos permitem apreender processos políticos de formação de grupos temporários conforme interesses específicos (PAOLIELLO, 2009) e o movimento se torna uma espécie de condição política.

o que permite atravessar campos distintos são as redes que se tecem para fins de ação. Tais redes, ali, têm como um de seus motes buscar alternativas às condições de vida crescentemente precarizadas, desde o cotidiano imediato até os projetos e as expectativas avaliados como possíveis a serem realizados (PAOLIELLO, 2009, p. 234)

O sentido de política, nesse caso se desloca da institucionalização e das noções de gerenciamento e administração para relacionar-se com a coexistência em espaços comuns, capaz possibilitar o compartilhamento de experiências. Concordando com Hannah Arendt (2010), acreditamos que para existirmos concretamente, precisamos de possibilidades de nos apresentarmos para o outro,

(...) quando isso não acontece, possuímos apenas uma existência obscura e incerta. Apenas quando somos ouvidos e vistos pelos outros, podemos nos tornar reais e dar concretude ao mundo real. A presença de outros nos proporciona uma realidade do mundo e de nós mesmos, e o fato de falarmos e sermos ouvidos pelo outro faz com que nossas individualidades se tornem desprivatizadas e, portanto, públicas. (FARIA, 2014, p. 19)

A comunidade do Córrego da Pimenta passa então a ter contato com uma multiplicidade de universos, podendo se mostrar e conhecer novas possibilidades de existência. A rede se apresenta, portanto, como potência política. As metodologias de trocas de saberes aparecem como fundamentais para esse processo, à medida que são constituídas em diversos espaços escolhidos reciprocamente, uma comunidade visitando a outra.

Dois pontos merecem a nossa atenção quando tratamos das questões metodológicas inerentes aos movimentos agroecológicos. O primeiro diz respeito a importância que os encontros presenciais adquirem para o seu fortalecimento. São nesses momentos que as pessoas dialogam, trocam experiências, fazem contatos, planejam ações e produzem conhecimento. As possibilidades de comunicação entre os sujeitos ficam aí absolutamente favorecidas. Um segundo ponto está ligado a própria ideia do movimento, ou seja, é no deslocamento das pessoas, nos percursos pelos quais se movimentam, que a Agroecologia pode se realizar, percorrendo as mais variadas trajetórias e dessa forma produzindo e articulando espaços.

Reflexões finais

A questão do reconhecimento identitário e territorial, construção que permeia todos esses encontros com a comunidade do Córrego da Pimenta aparece como um processo formativo que vai acontecendo paulatinamente, permitindo que os envolvidos reflitam ao longo do percurso sobre os significados, tarefas, benefícios, dentre outras coisas que esse reconhecimento pode trazer. Tal processo permite que haja um tempo para a decisão coletiva que a comunidade precisa tomar para o reconhecimento, já que o objetivo não é que a Rede faça ou fale por eles, mas que apoie os encaminhamentos que os grupos quilombolas construirão a partir de sua inserção no movimento. Quando o entendimento é positivo, isto é, a favor da construção dos documentos e ações que levam ao reconhecimento quilombola pela Fundação Palmares, trabalhamos juntos.

Apesar da crença que temos na formação dessas redes e da potência política nelas guardadas, não há garantia da continuidade dos processos, nem certeza de que o reconhecimento obrigatoriamente virá. Esses são processos que dependem dos mais variados fatores, desde a conjuntura política até a consolidação da organização e autonomia das comunidades frente às suas demandas. A construção é permanente, vai se fazendo no presente...

Nossa ênfase com este trabalho está mais direcionada em demonstrar a existência destes processos e ressaltar sua importância para os agentes envolvidos do que propriamente apresentar resultados pré-definidos. Por estarem em andamento, os produtos dessas relações espaciais são ainda indefinidos. Estão no espaço como latências (SANTOS, 2008).

A inserção da comunidade em outros mundos, remexe com as dinâmicas sociais e traz alguns conflitos para serem expostos e pensados. Por este lado, podemos colocar estas novas relações no mesmo patamar que relações de parentesco ou religiosas, por exemplo. Assim como a Rede Sapoqui, são redes que permitem possibilidades de participação em distintos campos de atividades como aponta Paoliello (2009, p. 239):

Por exemplo, uma rede religiosa pode agenciar interesses políticos, trabalho e sociabilidade, do mesmo modo que uma rede política pode remeter à religião, à atividade econômica e à sociabilidade, ou seja, cada uma delas pode abrir possibilidades de ação próprias de outra, como se dá com a política de parentesco, que agora se conecta às agências públicas e ao movimento social. São redes de três tipos: político, econômico e cultural/religioso.

Sem entrar nas possibilidades classificatórias entre as redes existentes, interessa-nos apontar a importância que adquirem como maneiras alternativas de inserção social e para a formação política e fortalecimento da luta pelos direitos de populações negras.

Com relação à inserção da Rede Sapoqui no movimento agroecológico, pudemos perceber que os agentes envolvidos trabalham nas duas frentes - a própria Rede Sapoqui é em parte fruto dos esforços pelo avanço da Agroecologia na Zona da Mata. Por último, como horizonte e possibilidade de trabalho, reconhecemos que ainda é preciso fortalecer essa parceria na direção da construção coletiva de ações ligadas à dimensão produtiva e formas de comercialização agroecológicas.

Referências Bibliográficas

- ARENDE, H. A condição humana. 11^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010
- DANTAS, T. S. Desafios da Agricultura Familiar Camponesa e Estratégias de Resistência Territorial na Comunidade São Pedro de Cima. Monografia (Graduação em Geografia). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.
- GOMES, J. C. C.; ASSIS, W. S. (Editores Técnicos). Agroecologia: princípios e reflexões conceituais. 2^a ed. Embrapa, Associação Brasileira de Agroecologia: Brasília, DF, 2013.
- INGOLD, T. Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.
- ITABORAHY, N. Z. O café não nos atrapalha: etnoterritorialidades e r-existências em São Pedro de Cima. Monografia (Graduação em Geografia). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.
- _____. Interações Agroecológicas: a comunidade de São Pedro de Cima em movimento. Dissertação (Mestrado em Geografia). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.
- LEFEBVRE, H. La producción del espacio. Madrid: Capitán Swing, 2013.
- _____. Espaço e política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- LEOPOLDO, D. F. Comunidade quilombola São Pedro de Cima (MG): arenas políticopedagógicas e seus sujeitos. Dissertação (Mestrado em Educação) Rio de Janeiro: Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016.
- ORSI, T. O. Estratégias Territoriais Contemporâneas de uma Comunidade Remanescente de Quilombo: Análise de um Agroecossistema em Transição Agroecológica – São Pedro de Cima, Divino/MG. Dissertação (Mestrado em Geografia). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

PAOLIELLO, R. M. “Condição camponesa” e novas identidades entre remanescentes de quilombos no Vale do Ribeira de Iguape. In: GODOI, E. P.; MENEZES, M.A.; MARIN, R.A. (orgs.). Diversidade do campesinato: expressões e categorias: construções identitárias e sociabilidades. v.1. São Paulo: Editora Unesp; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª ed. 4ª reimpr. São Paulo: Edusp, 2008.

TEIXEIRA, T. B. Tecendo trajetórias identitárias: Universidade Federal de Juiz de Fora em interação com a comunidade quilombola de São Pedro de Cima. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Agrário). Rio de Janeiro: CPDA, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2016.

ZANELLI, F. V.; LOPES, A. S.; CARDOSO, I. M.; FERNANDES, R. B. A.; SILVA, B. M. Intercâmbios Agroecológicos: aprendizado coletivo. In: Informe Agropecuário. v. 36, nº 387. Epamig: Belo Horizonte, 2015.